

### **Canto III**

**Jorge de Lima**

Enviado por:

Publicado em : 31/05/2011 01:00:31

Invenções de Orfeu

Canto III

Poemas relativos

I

Caída a noite  
o mar se esvai,  
aquele monte  
desaba e cai  
silentemente.

Bronzes diluídos  
já não são vozes,  
seres na estrada  
nem são fantasmas,  
aves nos ramos  
inexistentes;  
tranças noturnas  
mais que impalpáveis,  
gatos nem gatos,  
nem os pés no ar,  
nem os silêncios.

O sono está.  
E um homem dorme.

II

Queres ler o que  
tão só se entrelê  
e o resto em ti está?  
Flor no ar sem umbela  
nem tua lapela;  
flor que sem nós há.

Subitamente olhas:  
nem lês nem desfolhas;  
folha, flor, tiveste-as.

E nem as tocaste:  
folha e flor. Tu - haste,  
elas reais, mas réstias.

III

qualquer voz alou-se  
muito desejada.  
Branco fosse o espaço  
e ela ardente cor.

Quis o espaço a voz  
a voz veio e ampliou-o.

Mas se não houvesse  
propriamente voz...

Vamos nós supô-los:  
dois sem seus sentidos.

Desejemos mesmo  
dois incompreensíveis.

Bom nos ecoarmos  
na voz recebida.

E o espaço esvaziado

povoá-lo de vez.

Amá-los tão sem  
amada presença,  
só com o coração  
sem correspondência,  
só com a vocação  
do verso feliz.

#### IV

Numas noites chegamos à janela,  
e as mandíbulas do ar tanto nos roem,  
que os leitos rotos logo deliqüescem  
com os nossos corpos complacientemente.

Certos dias olhamos o sol claro;  
e a boca hiante das cores nos devora  
carnes e sangues, poeiras de costelas,  
que ficamos inúteis, sem matéria.

Essas bocas nos sugam noite e dia,  
vigiaando dia e noite nossas vidas  
um minuto no espaço, menos que ai  
de chumbo soluçado nos silêncios,  
ou cal de fome longa, revelada,  
na noite igual ao dia, de tão gêmeos.

#### V

Agora o sem senso  
sorriso nos ares,  
minha alma perdida,  
os vales lá embaixo  
de minhas lonjuras  
de não existido,  
parado nos antes,  
nem sei de pecados,  
nem sei de mim mesmo,  
eu mesmo não sou

nem nada me vê;  
ausentes palavras  
não soam no vácuo  
dos antes das coisas,  
das coisas sem nexos,  
nem fluidos. Só o Verbo  
chorando por mim.

## VI

Agora, escutai-me  
que eu falo de mim;  
ouvi que sou eu,  
sou eu, eu em mim;  
tocai esses cravos  
já feitos pra mim,  
suores de sangue,  
pressuados sem poros  
verônica herdada.  
sem face do ser.

Embora; escutai-me,  
que eu falo com a voz  
inata que diz  
que a voz não é essa  
que fala por mim,  
talvez minha fala  
saída de ti.

## VII

Alegria achareis neste poema  
como poema ilícito, como um  
corpo casual ou vão, como a memória  
dura e acídula, como um homem se  
conhece respirando, ou como quando  
se entristece sem causa ou se doente,  
ou se lavando sempre ou comparando-se  
às dimensões das coisas relativas;  
ou como sente os ombros de seu ser,  
transmitidos e opacos, e os avós  
responsabilizando-se presentes.

São alegrias rápidas. Lugares,  
reencontrados países, becos, passos  
sob as chuvas que não vos molharão.

## VIII

Se falta alguém nesses versos  
pele vento interminável,  
pelas arenas de estátuas,  
sucedam-lhe os cegos olhos  
sacudidos pelos medos,  
mãos de chuvas lhe inteiricem  
o corpo com algas remissas  
e com matérias tranqüilas  
tão soturna como os poços,  
exasperados invernos,  
ombros de escova comida,  
as asas secas caídas,  
ante seus netos calados;  
e incorporem-se a esse alvitre  
esse sabor de cortiça,  
essas esponjas morridas,  
essas marés estanhadas,  
essas escunas de espáduas  
estritamente fechadas  
como casas de abandono,  
restringem-se os conciliábulos,  
certos sigilos de pez,  
certas coisas enlutadas,  
refúgios, dramas ocultos,  
pois as rosas são de trapos  
e os fios menos que teias,  
menos que finos agora,  
e as camisas sem os pêlos  
enterrados nas ilhargas,  
vestem enganos e punhos  
e crimes em vez de adegas,  
mas tudo em vão, mesmo as plumas,  
mesmo os ausentes e as vozes  
aderidas a fragmentos  
aí moram degredadas,  
litrando as grades, de faces  
que não conhecem espelhos

## IX

Numa hora perdida cantos doeram. Os desejos  
E flores despenteadas, flores largas e a barbárie  
e inconfidentes quase abominadas dos corpos.  
por oculta paixão, se intumesceram. E a relatividade  
do espírito  
Lírios eram pilares de cristal sob o cerco  
subindo para as aves; então dardos da matéria.  
desceram sobre os mais amados colos  
cantando amor com seus sentimentos.

Canção melhor. Mais consentimentos puros olhos. Eu  
sei de cor os rebanhos, e olho o mundo.  
Tudo contém pequenas doces máscaras.  
Mas da selva selvagem desce o pranto  
dos que mastigam suas próprias fomes,  
sem saliva de pão, e o gosto ausente.

Ninguém consegue assim amar os lírios.  
E esse amor é amaríssimo e adstringente  
com a memória das dores engolidas.

## X

Vós não viveis sozinhos  
os outros vos invadem  
felizes convivências  
agregações incômodas  
enfim ambientalismos,  
e tudo subsistências  
e mais comunidades;  
e tantas ventanias  
acotovelamentos,  
desgastes de antemão,  
acrécimos depois,  
depois substituições,  
a massa vos tragando,  
as coisas vos bisando;  
os hábitos, os vícios,  
as moças embutidas  
mudando vossas cartas;  
sereis administrados

no sono e nos pecados,  
vós mapas e diagramas  
com várias delinqüências,  
e insanidades várias,  
dosando o vosso espaço,  
pesando o vosso pão  
de tempos racionados;  
e não tereis vivido  
e não tereis amado,  
porém sereis morrido.

## XI

Éreis vós Tiago, Diogo, Jaques, Jaime?  
Clodoveu ou Clodovigo?  
Éreis vós por acaso eles?  
Éreis vós aqueles nomes,  
estes, e os demais já mortos,  
os mortos tão renovados  
nós mesmos sempre chamados  
Lútero, Lotário, otário,  
sim otário tão singelo,  
tão puro de todo o mal,  
relativo, universal.

Éreis vós Tiago, Diogo, Jaques, Jaime?  
Dizei-me se acaso vós  
éreis eles ou voz sou  
de algum avo tão otário,  
tão eu mesmo como voz,  
como poema de outros vários.

## XII

O simples ar  
de uma só corda  
em curta raia,  
mão de menino,  
punhado escasso,  
ar perfumado,  
sem o alvoroço  
dos vendavais;

anjo acolhido  
em róseo céu  
abrigo instante,  
pranto lavado,  
chorar em ti  
de arrependido,  
subir teus vales,  
amar teu pólen,  
nunca escapar-me  
de tuas pétalas  
cair com elas.

### XIII

Uma janela aberta  
e um simples rosto hirto,  
e que provavelmente  
nela se debruçou;  
e nesse gesto puro  
do rosto na janela  
estava todo o poema  
que ninguém escutou;  
só a janela aberta  
e o espaço dentro dela  
que o tempo atravessou.

### XIV

O contro era um dia,  
um dia futuro,  
e dentro do dia  
incluído o conforme,  
e dentro o que foi  
porque fora isso  
se tal não se dera,  
se o mundo parasse  
e o espaço se excluísse;  
se a pedra não fosse  
o símbolo que era  
pois tudo era um dia,  
um dia sem dia,  
porém com o poeta  
que um dia seria.

## XV

De manhã estrelas verdes  
na inocência do ar coleado,  
intranquílias e veementes.  
Ao zênite e areia em sede,  
asas das hastes pendidas,  
as nuvens-castelas altas  
como painas amealhadas.  
De tarde a visão das velas,  
nuvens baixas sobre as verdes  
rosas das hastes fictícias;  
os desejos dissolvidos  
repousam abertamente;  
e esse deserto de vozes  
e estes cabelos perenes  
de seus nervos para os dramas.  
Mas se as palmas fossem isso,  
as fontes seriam pratas,  
e as pratas seriam o  
puro sonho de quem vive.  
Todavia o sonho é como  
as palmas dessas palmeiras.  
Eis as palmas.

## XVI

Os dois ponteiros  
rodam e rodam,  
mostrando o horário  
irregular.  
Horas inteiras  
despedaçadas,  
horas mais horas  
desmesuradas.  
Com seu compasso,  
lá vem a morte  
pra teu transporte,  
e com os dois braços:  
esta é tua hora,  
levo-te agora.

## XVII

Um te exalou  
nessa incidência:  
céu, terra, mar;  
impermanência.  
Outro te andou  
te indo e te vindo  
pra te juntares,  
te convergindo  
Quem te volou,  
esse te deu  
o sono no ar.  
Esse te entoou  
e te nasceu  
sem te acordar.

## XVIII

No dia seguinte:  
chamamos de terra,  
o poema te leva  
te dana, te agita,  
te vinca de cruces,  
te envolve de nuvens.  
Quem sabe aonde vai  
parar no outro dia?

## XIX

Roteiros vencidos  
compassam a festa:  
a noiva está fria  
no véu lamentado.  
Três potros desfraldam-se  
três faces transcorrem  
no coche morrido,  
em vão galopado.  
O nome do noivo?  
O nome da noiva?  
O nome do diabo?  
Três nomes corridos,  
três sombras penadas  
no drama calado.

XX

Aqui e ali  
me encontrareis,  
entre um poema  
ou em seu curso,  
além e aquém,  
oculto e claro,  
vivo ou demente,  
ou mesmo morto,  
ou renascido  
como meu sósia,  
intermitente,  
ferida tórpida.  
pulso de febre,  
nesse cavalo,  
naquela tinta,  
naquele poema  
quase alicerce,  
quase esse infante,  
esse anjo surdo.  
la esquecendo:  
eu e meu sósia  
somos momentos  
entrelaçados.  
Ei-lo veemente  
volta a seu palco,  
sobe a uma origem,  
desce de novo,  
envolto ou nu,  
esse homem gêmeo,  
jamais verdugo,  
mas palma incerta,  
sendo meu pai,  
meu filho e neto  
e aquele longe  
porém limiar,  
malgrado e clâmide  
aberta e alípede,  
foi argonauta,  
podia se-lo  
se esse jacinto  
não fosse canto,  
canto de galo  
crepuscular,  
profusamente  
cedo se oculta  
por essas laudas

sem perceber  
seu fácil ímpeto  
ante a palavra  
visualizada;  
mas de repente  
desaparece.  
Agora eu surjo  
naquela esquina,  
naquele pórtico  
falam de mim;  
ouço transido  
esses vocábulos  
desconhecidos,  
emerjo em rios  
que vão passar,  
mergulho em rumos  
acontecidos,  
sucedo em mim,  
depois vou indo  
fundo e arrastado  
na correnteza  
que é de repentinos.  
Morto incorrupto  
guardo meus naipes  
mais pressentidos,  
intercadentes,  
desordenados,  
não há atavios,  
não há disfarces,  
dissolução  
dos prantos largos  
manando laivos,  
lanhando aspectos;  
desacredito-me  
perante os leves,  
nem sabedor  
de alas longevas,  
se o porvindouro  
é puro exórdio  
precocemente  
desencantado;  
se os seus presságios  
remanescidos,  
salvo-condutos  
manifestados;  
correm desvios  
vulgares trilhos,  
que todavia  
prossigo em mim,

minha progênie,  
uns dementados,  
outros co-réus,  
reconciliando-me  
com os mutilados  
e este glossário  
que é de meu sósia;  
abastecido  
alego dores,  
crescentes cargas;  
me patenteio,  
fico exaltado  
sem parecer;  
depois me espreito  
na curva adiante,  
simbolizado,  
metade em mim  
inda nascendo,  
a outra metade  
superlotada;  
então me sano  
excluindo as nucas  
executáveis;  
não evidentes  
nem aberrante  
me envolvo de alma,  
doce alimária  
com alguns anexos  
aparelhados  
para colher  
belas paisagens  
e outros petrechos  
do sósia amado;  
quero sofrer-me,  
quero imitar-me,  
fico enpunhado  
meu corpo no ar,  
dependurado,  
meio aderido  
a alguns palhaços  
insimulados,  
portanto, instáveis,  
muito insossos,  
muitos até  
beatificados;  
ventos cortesês  
bem-parecidos  
vêm agitar  
nosso espantalho,

enquanto as aves  
canoramente  
se desaninham  
de nossos braços,  
ossos atados  
a chão deitados,  
chãos contestados  
por figadais,  
mas afinal  
chãos estrelados  
de algumas plantas  
ambicionadas  
por umas moças  
que andando sós  
se despetalam  
e virar brisas,  
fagueiras asas,  
pelas janelas  
passam nos vidros,  
vão aos relógios  
param os cucos,  
e a vila fica  
inteiriçada.  
dormindo dentro  
desse poema  
recomeçado  
por novo sósia.

XXI

As portas finais,  
os cantos iguais,  
os pontos cardeais,  
sempre obsidionais.  
Os tempos anuais,  
as faces glaciais,  
as culpas filiais  
sempre obsidionais.  
Os dois iniciais,  
as dores tais quais,  
os júzos finais  
sempre obsidionais.

XXII

Era uma vinda,  
dadas as luzes,  
dadas as faces  
que ali se achavam,  
nenhuma espúria,  
nenhuma enferma,  
dadas as cores,  
dadas as falas  
que ali se achavam;  
dadas as provas  
dessas presenças  
deu-se o milagre  
em aços doces,  
em gumes brandos  
em chamas graves;  
formou-se um gênio  
pentangular  
que começava  
com a estrela Vésper,  
riscando a noite  
sem se acabar;  
formou-se um lírio  
na suave treva,  
gerou-se um grito  
de tantas vozes,  
criou-se um fogo  
correspondente,  
jorrou-se um pranto  
desabitado.  
Era uma tarde:  
ninguém sabia  
o que no mundo  
ia acabar.  
Sei que houve portas  
escancaradas,  
sei que houve apelos  
antiencarnados.  
E houve um dilúvio,  
mas era um fogo  
desabrochado.

XVIII

Quando menos se pensa  
a sextina é suspensa.  
E o júbilo mais forte

tal qual a taça fruída,  
antes que para a morte  
vá o réu da curta vida.  
Ninguém pediu a vida  
ao nume que em nós pensa.  
Ai carne dada à morte!  
morte jamais suspensa  
a taça sempre fruída  
última, única e forte.  
Orfeu e o estro mais forte  
dentro da curta vida  
a taça toda fruída,  
frente que já não pensa  
canção erma, suspensa,  
Orfeu diante da morte.  
Vida, paixão e morte,  
- taças ao fraco e ao forte,  
taças - vida suspensa.  
Passa-se a frágil vida,  
e a taça que se pensa  
eis rápida fruída.  
Abandonada, fruída,  
esvaziada na morte,  
Orfeu já não mais pensa,  
Calado o canto forte  
em cantochão da vida,  
cortada ária, suspensa.  
Lira de Orfeu. Suspensa!  
Suspensa! Ária fruída,  
sextina artes da vida  
ser rimada na morte.  
Eis tua rima forte:  
rima que mais se pensa.

#### XXIV

A sextina começa  
de novo uma ária espessa,  
(sextina da procura!)  
Eurídice nas trevas,  
Ó Eurídice obscura.  
Eva entre as outras Evas.  
Repousai aves, Evas,  
que a busca recomeça  
cada vez mais obscura  
da visão mais espessa

repousada nas trevas  
Ah! difícil procura!  
Incessante procura  
entre noturnas Evas,  
entre divinas trevas,  
Eurídice começa  
a trajetória espessa,  
a trajetória obscura.  
Desceu à pátria obscura  
em que não se procura  
alguém na sombra espessa  
e onde sombras são Evas,  
e onde ninguém começa,  
mas tudo acaba em trevas.  
Infernos, Evas, trevas,  
lua submersa e obscura.  
Aí a ária começa,  
e não finda a procura  
entre as celeste Evas  
a Eva da terra espessa.  
Eurídice, Eva espessa,  
musa de doces trevas,  
mais que todas as Evas -  
musa obscura, Eva obscura;  
sextina que procura  
acabar, e começa.

XXV

A musa A barba tão preta que era azul,  
morta que as amantes tão ruivas que eram nulas  
vem de Amara onze e mais uma, numa só  
outros morta, em alma, sem cadáver, sem  
livros tumba, e que amara - morta, morta, morta.

XXVI

Sombra encantada, declinara  
num vago dia, incerto dia.  
Eis uma deusa, pelos gestos,  
por sua dança, sua órbita.  
Era preciso compreendê-la,  
mas quando nós a avizinhávamos,

a deusa arisca recuava.  
Se nós recuávamos, voltava  
ao nosso encontro, sem tocar-nos.  
Então corríamos, devassos,  
quase enlaçando-a: ela fugia.  
Era uma deusa pelos modos  
com que mentia e se ausentava.  
Mas outro dia, vago dia,  
abrutamente a aprisionamos.  
O que tu és, deusa, ignoramos,  
mas desejamos, qualquer coisa  
fazer de ti, terror ou júbilo  
ou nossa vênus favorável  
ou nossa esfera de vocábulos.  
Ela chorava, não queria;  
e o pranto logo dissolvia.  
Então descemos, ventre abaixo  
e renascemos de seu sexo,  
- trânsito virgem de palavras.  
Era uma deusa, pela fúria  
com que nós todos a ultrajamos.  
Era uma deusa e não sabíamos  
se cada qual mesmo a violou.  
Era uma deusa, pela dúvida  
que em cada um de nós, deixou.

## XXVII

Contemplar o jardim além do odor  
e a mulher silenciosa entre semblantes,  
e refazê-los todos, todos antes  
que o tempo condenado os atraíçoe.  
Porque eu quero, em memória refazê-los: À procura da  
flor longínqua, mulher, não pertencida, face perdida  
substância inexistente, móvel vida,  
intercessão de nadas e cabelos.  
E meus olhos ausentes me espiando  
entre as coisas caducas e fugaces  
a minha intercessão em outras faces.  
Orfeu, para conhecer teu espetáculo,  
em que queres senhor, que eu me transforme,  
ou me forme de novo, em que outro oráculo?